

UMA ABORDAGEM SOBRE: CULTURA, MODERNIDADE, GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE

Thaís Regina Miranda **Martins**¹

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), 79500-000, Paranaíba-MS, Brasil

RESUMO

Este trabalho tratará sobre a concepção de cultura, modernidade, globalização e identidade. Abordará também a cultura na perspectiva do cenário brasileiro no período colonial, apresentando como o colonizador percebe o colonizado e como o colonizado percebe o colonizador. Tratará sobre a questão cultural e de identidade no processo de modernidade e globalização. A proposta tem como referencial teórico os autores Almeida (2007), Bauman (2012), Domingues (1999), Eagleton (2005), Giddens (2002), Hall (2011), Montiel (2003), Yúdice (2004) e Santiago (2000). Ao final do trabalho, pode-se observar a cultura a partir de variadas concepções.

Palavras-chave: Cultura. Modernidade. Globalização. Identidade.

Abstract

This paper will deal on the design of culture, modernity, globalization and identity. It will also address the culture from the perspective of Brazilian scene in the colonial period, showing how the colonizer and the colonized perceives as the colonized realizes the colonizer. Deal about the cultural issue and identity in modernity and globalization process. The proposal has as a theoretical framework the authors Almeida (2007), Bauman (2012), Domingues (1999), Eagleton (2005), Giddens (2002), Hall (2011), Montiel (2003), Yúdice (2004) and Santiago (2000). At the end of the job, it can be seen from the culture of various designs.

Keywords: Culture. Modernity. Globalization. Identity.

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro subtítulo busca-se apresentar a origem da palavra cultura, de forma a fazer um breve histórico sobre as raízes desta expressão:

A raiz latina da palavra “cultura” é *colere*, o que se pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger. Seu significado de “habitar” evoluiu do latim *colonus* para o contemporâneo “colonialismo”, de modo que títulos como *Cultura* e *colonialismo* são, de novo, um tanto tautológicos. Mas *colere* também desemboca, via o latim *cultus*, no termo religioso “culto”, assim como a própria ideia de cultura vem na Idade

Moderna a colocar-se no lugar de um sentido desvanecente de divindade e transcendência. (EAGLETON, 1943, p. 10)

Ao longo deste artigo serão pontuados aspectos culturais, inicialmente, como no parágrafo anterior apresentando o termo cultura seguindo por as diversas versões que se tem sobre a palavra cultura, sendo esta relacionada à sociedade, retratando-a como dinâmica e em crise e também tratará sobre a questão modernidade e identidade.

Segundo Eagleton (1943, p. 16), “[...] a cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do Estado”.

Coleridge escreve, conseqüentemente, sobre a necessidade de basear a civilização no cultivo, no desenvolvimento harmonioso daquelas qualidades e faculdades que caracterizam nossa *humanidade*. Temos que ser homens para sermos cidadãos. O Estado encarna a cultura, a qual, por sua vez corporifica nossa humanidade comum [...] a cultura é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado. (EAGLETON, 1943, p. 16).

No mesmo contexto Eagleton (1943, p. 13), define:

Se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma.

Na mesma linha de raciocínio Eagleton (1943, p. 19), aponta que:

A cultura ainda não se opôs inteiramente ao real, como o fará à medida que uma tradição inglesa de “Cultura e Sociedade” for gradualmente se desenvolvendo. Como efeito, para Schiller, a cultura é justamente o mecanismo daqui que mais tarde será chamado “hegemonia”, moldando os sujeitos humanos às necessidades de um novo tipo de sociedade politicamente organizada, remodelando-os com base nos agentes dóceis, moderados, de elevados princípios, pacíficos, conciliadores e desinteressados dessa ordem política.

Para Eagleton (1943, p. 32) “ser civilizado ou culto é ser abençoado com sentimentos refinados, paixões temperadas, maneiras agradáveis e uma mentalidade aberta”. O autor quer dizer que ser civilizado é ter um comportamento requintado com o outro e não ser egoísta, tendo uma mentalidade aberta.

Para Eagleton (1943, p. 33) “a cultura, porque não toma sob a sua proteção nenhuma faculdade singular do homem à exclusão das outras [...] e não favorece nenhuma delas isoladamente mais do que outra pelo simples motivo de que ela é a razão da possibilidade de todas”.

De modo geral, pode-se entender que neste contexto a cultura está ligada aos hábitos e costumes que determinado povo adquire para tornar-se membro da sociedade e este processo pode acontecer a partir da arte, das crenças, da lei, enfim, de variadas maneiras.

No território brasileiro a carta do escritor português Pero Vaz Caminha a D. Manuel aborda que no período de colonização o que foi observado é que os nativos do território brasileiro possuíam as mesmas características físicas sendo pardos e todos nus.

Almeida (2007, p.18) pontua que é possível verificar que, de um modo geral, as primeiras narrativas acerca das terras descobertas enfatizaram a abundância e a beleza da natureza tropical, como também os costumes bárbaros de seus habitantes nativos.

O Brasil também foi e é visto como um país tropical naturalmente rico, um país que possui uma natureza grandiosa. Nestes termos,

...pode-se considerar que a natureza “paradisíaca” do país desponta em nosso imaginário como o que há, talvez, de mais legitimamente nacional. Ela é concebida, portanto, como um elemento indispensável para a valorização da pátria relativamente a tudo o que lhe seja estrangeiro. (ALMEIDA, 2007, P.18).

No período colonial o Brasil foi considerado um território interessante para a punição dos criminosos do reino. Em meados do século XVIII, o quadro foi mudado, pois o local mais adequado para receber os condenados passou a ser a África.

Apesar disso, pode-se afirmar que principalmente durante o século XVIII e até pelo menos a primeira metade do século XIX persistiu, ou melhor, predominou nos discursos sobre o Brasil a seguinte visão: o Brasil é um éden tropical habitado por criaturas com costumes bárbaros. (ALMEIDA, 2007, p. 20).

Almeida (2007, p. 30) relata que:

Ao longo da década de 20 do século XIX, as preocupações do governo recém-instituído com o reconhecimento internacional da independência do país potencializam o debate a respeito da natureza tropical e sua inserção como imagem nacional. Assim sendo, as negociações diplomáticas buscaram exaltar alguns elementos supostamente positivos da localização geográfica do país. Em outros termos, tais elementos se tornam fundamentais para a

valorização da identidade nacional. Daí se infere que as descrições acerca da natureza do país colaboraram, sem dúvida, para facilitar o processo de reconhecimento da emancipação política de 1822, num movimento ia da auto-afirmação imagética à busca da interpretação e aceitação externa. Neste período, mais precisamente no final da década de 20 do século XIX, as teses negativas acerca da natureza tropical passaram por uma transformação. Não falam mais da impossibilidade de desenvolvimento da civilização nos trópicos, mas sim que este deveria ser transformado pelos homens que o habitavam. [...] A partir da década de 30 do século XIX, as teses positivas acerca da natureza tropical passaram, paulatinamente, a triunfar. Curioso, entretanto, é observar que as imagens desse período refletiram, ou melhor, acompanharam esta tendência, pois na maioria delas a natureza do país foi exaltada. Isto se deve, fundamentalmente, à enorme influencia exercida pelos inúmeros naturalistas que, ao longo esses anos, investigaram a flora e fauna do país. Deve-se também, ao trabalho de várias artistas que, através de desenhos, pinturas e aquarelas, retrataram a natureza exuberante dos trópicos. (ALMEIDA, 2007, p. 30)

Nas décadas de 1940 e 1950, Almeida (2007, p. 32) menciona que:

Ocorrera o triunfo final as teses e das imagens positivas acerca da natureza tropical. A partir deste período, a natureza brasileira se torna a base sob a qual supostamente se processava a civilização. Ou seja, uma vez que o país não possuía um passado histórico que satisfatoriamente pudesse ser representado no sentido de simbolizar a nação, ou mesmo uma identidade cultural homogênea, a idealização da natureza tropical passou, portanto, a preencher esse vazio. Assim, nas primeiras décadas após a proclamação da independência, a atitude geral da nossa elite letrada foi, sem dúvida, de deslumbramento com a natureza exuberante do país, e, sobretudo, com os atributos culturais daqueles que se apresentavam mais próximos dela: os índios.

A cultura como conceito hierárquico é posta por Bauman (1925, p. 91):

O uso do termo “cultura” está tão profundamente arraigado na camada comum pré-científica da mentalidade ocidental que todo mundo o conhece bem, embora por vezes de forma irrefletida, a partir de sua própria experiência cotidiana. Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padrões do grupo pela “falta de cultura”. Enfatizamos repetidas vezes a “transmissão da cultura” como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aqueles com quem travamos contato segundo seu *nível* cultural. Se o distinguimos como uma “pessoa culta”, em geral queremos dizer que eles é muito instruído, educado, cortês, requintado acima de seu estado “natural”, nobre. Presumimos tacitamente a existência e de outros que não possuem nenhum desses atributos. Uma “pessoa que tem cultura” é o antônimo de “alguém inculto”.

Para Bauman, a cultura como conceito diferencial é descrita da seguinte maneira:

Em seu segundo significado, o termo “cultura” empregado para explicar as diferenças visíveis entre comunidade de pessoas (temporária, ecológica ou socialmente discriminadas). Esse uso situa o conceito diferencial de cultura entre numerosos “conceitos residuais”, muitas vezes construídos em ciências sociais para invalidar o sedimento de idiosincrasias desviantes que não pode dar conta de regularidade que, de outro modo, seriam universais e onipotentes (onde ele compartilha a função que lhe é atribuída com idéias, tradição, experiência de vida etc.) (BAUMAN, 1925, p. 102).

Como último conceito pontuado pelo autor, no que diz respeito à cultura, têm-se o conceito genérico de cultura, conforme segue:

O conceito genérico de cultura alimenta-se de parte subestimadas e não declaradas de seu correlativo diferencial. Nesse sentido, é um corolário indispensável de seu principal adversário. Quanto mais existe obtém o conceito diferencial em dividir o cenário humano numa multiplicidade de enclaves autossuficientes e sem relação entre si, mais forte é a necessidade de enfrentar o problema da unidade essencial da espécie humana. O que se procura não é uma unidade biológica, pré-cultura, mas o alicerce teórico da relativa autonomia e peculiaridade da esfera cultural, em geral, e do conceito diferencial, em particular. (BAUMAN, 1925, p. 102)

Outro olhar sobre a cultura, nos tempos atuais é feito por Yúdice (2005, p. 25) que aponta “que o papel da cultura expandiu-se como nunca para as esferas política e econômica, ao mesmo tempo que as noções convencionais de cultura se esvaziaram muito”.

O autor Yúdice (2005, p. 25) “reconhece que a cultura de qualquer um tem valor – talvez seja melhor fazer uma abordagem da questão da cultura de nosso tempo, caracterizada como um cultura de globalização acelerada, como um *recurso*”.

Para o autor Yúdice (2005) a cultura é hoje um recurso que gera e atrai investimentos, cuja distribuição e utilização, seja para o desenvolvimento econômico e turístico, seja para as indústrias culturais ou novas indústrias dependentes da propriedade intelectual, mostra-se como fonte inesgotável, conforme interpretação de Lopes (2009). Desta maneira percebe-se como a economia pode intervir no conceito de cultura, nestes tempos de globalização, quando determinado povo acredita que o que é de outro país, por exemplo, o que se usa, que filmes são produzidos, que música é produzida possa ser uma outra cultura, no caso mais interessante, imaginando assim que a cultura do outro é melhor que a sua.

Para o autor Yúdice (2004, p. 41):

Os direitos culturais incluem a liberdade de se engajar na atividade cultural, falar a língua de sua escolha, ensinar sua língua e cultura a seus filhos, identificar com as comunidades culturais de sua escolha, descobrir toda uma

variedade de culturas que compreendem o patrimônio mundial, adquirir conhecimento dos direitos humanos, ter uma educação, não deixar de representar-se sem consentimento ou ter seu espaço cultural utilizado para publicidade, e ganhar respaldo público para salvaguardar esses direitos.

O autor Montiel (2003, p. 18) traz sua ideia de cultura da seguinte maneira:

A cultura é uma elaboração comunitária mediante a qual os indivíduos se reconhecem, se auto-representa e assimilar significações comuns ao mundo que os rodeia. Tradicionalmente a produção social da cultura tem suas fontes em âmbitos históricos ou espaciais, marcadas pela presença de povos ou etnias, uma história política ou de crenças religiosas compartilhadas. Desde o século XVIII, com os grandes movimentos de conformação do Estado-Nação que se expandiram pelo mundo, a cultura adquiriu um papel “de cimento constitutivo” tendente a homogeneizar os traços de cada população, constituindo, assim, um recurso fundamental do Estado para lograr a coesão da Nação. Pretendia-se compartilhar um mesmo *padrão cultural* e implantar uma “língua nacional”.

Montiel (2003), menciona ainda que:

Em virtude dessa exposição constante a novos símbolos, se estabelecem novos vínculos identificatórios, os perfis culturais mudam, mudando seus referentes tradicionais, costumes e visões originárias, para ir se organizando em função de códigos simbólicos que provêm de repertórios culturais muito diversos, que têm sua origem nos diferentes formatos eletrônicos. Desse modo, as identidades tendem a diluir-se e surgem novas formas de identificação, políglotas, multiétnicas, migrantes, com elementos de diversas culturas. Estes fenômenos divorciam o indivíduo do contexto imediato, de interações face a face, produzindo-se um processo mediante o qual os indivíduos e a coletividade perdem seus referentes culturais vinculados a seus espaços geográficos específicos para adotar referentes “abstratos”, provenientes de uma pluralidade de universos simbólicos. Esse processo traz alguns riscos. Ao desaparecerem os referentes tangíveis que criam um vínculo entre os indivíduos, estes perdem sua conexão social com o lugar próprio, com sua memória e com os significados profundos. Já não são os espaços comunitários ou a história compartilhada os que conformam sua identidade, mas uma pluralidade de símbolos desraigados que se incorporam e circulam no ciberespaço, sem uma ordem de continuidade. (MONTIEL, 2003, p. 19)

Com as mudanças territoriais começa acontecer a fragmentação da cidade, ou seja, começam a ocorrer migrações para centros urbanos. Este fato se dá pelas necessidades econômicas. Desta forma, as cidades contemporâneas começam a ser povoadas por diversos povos, provocando assim, um cenário de variedades de línguas, estéticas e vestimentas, em que passa a se misturar tradições e hábitos. Este processo é denominado transculturação.

Para Montiel (2003) “é pertinente recordar que nenhuma identidade é monolítica e estática, fixada de uma vez e para sempre no tempo e no espaço. A identidade de um grupo social é uma criação coletiva que se configura no tempo, na história, e, portanto, está em permanente devir”.

O autor Montiel (2003) enfatiza ainda que “a identidade de um grupo social é constantemente construída e reconstruída, “negociada” num processo de interação social”.

2 CULTURA X BRASIL

O livro o *Entre-lugar: do discurso latino-americano*, sob ensaio de Santiago (2000) trata sobre a influência do colonialismo europeu para com o Brasil, no que diz respeito a cultura e literatura, tendo assim impacto no processo de formação da identidade. No decorrer do texto, será percebido de maneira coesa a comparação e (re) interpretação dos problemas decorrentes deste processo que permanecem nos tempos atuais, como por exemplo, o preconceito entre metrópole e colônia, colonizador e colonizado, europeu e latino-americano.

Segundo Santiago (2000, p. 12):

Pode-se perceber que no período colonial os colonizadores tinham a intenção de converter os índios, com interesse no território, bem como por acreditar que tratavam-se de animais livres. [...] Nesse sentido, foram encontradas informações preciosas e extraordinárias na carta ao rei de Portugal Por Pero Vaz de Caminha. Segundo o testemunho do escrivão-mor, os índios brasileiros estariam naturalmente inclinados à conversão religiosa, visto que, de longe, imitavam os gestos dos cristãos durante o santo sacrifício da missa.

Santiago (2000) afirma ainda que:

Ente os povos indígenas da América Latina a palavra européia, pronunciada e depressa apagada, perdia-se em sua imaterialidade de voz, e nunca se petrificava em signo escrito, nunca conseguiu instituir em escritura o nome da divindade cristã. Os índios só queriam aceitar como moeda de comunicação a representação dos acontecimentos narrados oralmente enquanto os conquistadores e missionários insistiam nos benefícios de uma conversão milagrosa, feita pela assimilação passiva da doutrina transmitida oralmente. Instituir o nome e Deus equivale a impor o código lingüístico no qual seu nome circula em evidente transparência. (SANTIAGO, 2000, p. 13)

Santiago (2000) apud Lévi-Strauss apontam que:

[...] os brancos invocaram as ciências sociais, ao passo que os índios mostravam mais confiança nas ciências naturais; enquanto os brancos proclamavam que os índios eram animais, estes limitavam-se a supor que os primeiros fossem deuses. Ignorância por ignorância, a última atitude era, certamente, mais digna de homens (p. 83)

Neste aspecto é possível perceber dos sentimentos marcantes neste momento, sendo xenofobia e de xenofilia, tendo os significados descritos a seguir, entendendo-se que o sentimento do europeu para com os índios tratava-se por xenofobia e dos índios para com os europeus o sentimento de xenofilia. A xenofobia geralmente associa-se a versão a determinadas raças ou até mesmo culturas. Isso pode provocar o preconceito e está muitas vezes ligada a fobia em relação a pessoas ou grupos diferentes, de modo que a pessoa que sente preconceito evite o outro. Já a xenofilia, assim como a xenofobia, também existe nas sociedades. Muitas vezes a xenofilia acontece intensamente. A xenofilia é o excesso de simpatia por pessoas ou coisas que são estrangeiras.

Infelizmente a xenofobia, bem como a xenofilia, marca as sociedades, muitas vezes de maneira intensa. Embora o tempo passe, e as mudanças ocorrem, percebe-se que ainda há muito preconceito entre os povos, por questões raciais, culturais, étnicas, ou seja, dentre as diversidades.

Com o passar do tempo, no período de colonização Santiago (2000, p. 14) pontua [...] que a doutrina religiosa e a língua européia contaminam o pensamento selvagem. A partir da religião [...] pouco a pouco as representações teatrais propõem uma substituição definitiva e inexorável: de agora em diante, na terra descoberta, o código lingüístico e o código religioso se encontram intimamente ligados, graças à intransigência, à astúcia e à força dos brancos. Pela mesma moeda, os índios perdem sua língua e seu sistema do sagrado e recebem em troca o substituto europeu. Evitar o bilingüismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Com as mudanças decorrentes da colonização [...] a América transformou-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua *origem*, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização. É assim que vemos nascer por todos os lados essas cidades de nome europeu cuja única originalidade é o fato de trazerem antes do nome de origem o adjetivo “novo” ou “nova”: New England, Nueva España, Nova Friburgo, Nouvelle France, etc. (SANTIAGO, 2000, p. 14-15).

2 MODERNIDADE, GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE

No decorrer dos tempos a sociedade vem passando por um processo de desenvolvimento, surgindo então a modernidade. A expressão modernidade traz o sentido de evolução histórica e social. Para Domingues (1999) “a “modernização “seria etnocentrismo, demandando a manutenção de uma parte da população em “nível atrasado e arcaico”, com a contrapartida de “ocidentalização” de uma parcela da sociedade”.

Com a modernidade as pessoas passam a ter inquietudes passando a questionar sobre o que fazer, como agir e quem ser, pois em meio a tantas informações é normal que a sociedade se questione sobre determinadas situações que vivenciam ao longo dos anos. Com isso, o indivíduo pode passar por crises. Desta forma, Giddens (2002, p. 72), destaca:

“Tomar conta de nossas próprias vidas” envolve risco, porque significa enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos. A segurança alcançada pela estrita obediência aos padrões estabelecidos é efêmera, e em algum ponto se romperá. Ela trai um medo do futuro em vez de fornecer os meios de dominá-lo.

Giddens (2002, p. 77) cita ainda que “o indivíduo deve enfrentar novos riscos decorrentes da ruptura com os padrões estabelecidos de comportamento – inclusive o risco de que as coisas possam ficar piores do que estavam”.

Domingues (1999) afirma que “havia, porém, uma outra forma de conceber a modernidade, ou mais precisamente, o processo que a ela poderia levar, que Costa Pinto nomeia, muito mais positivamente, de ‘desenvolvimento’ ”.

Enquanto a “modernização seria por princípio não planejável, o desenvolvimento requeria o contrário. Ele se definiria, primeiramente, como “[...] uma série de transformações intencionalmente introduzidas em diferentes esferas e setores daquelas sociedades nacionais que se atrasaram em relação ao ritmo de avanço da ‘revolução industrial’ dos tempos modernos a fim de entender as crescentes e legítimas aspirações de suas populações e assim superar, em prazo curto, os índices de atraso que caracterizam a sua posição na sociedade internacional”. (DOMINGUES, 1999, p. 83)

Com a modernização surge então o nome termo globalização. Porém, antes mesmo do termo globalização era entendido este processo de modernidade como sendo universalização. Bauman (1999) explica os diferentes conceitos:

Assim com os conceitos de “civilização”, “desenvolvimento”, “convergência”, “consenso” e muitos outros termos chaves do pensamento moderno inicial e clássico, a ideia de “universalização” transmitia a esperança, a intenção e a determinação de se produzir a ordem; além do que os outros termos afins assinalavam, ela indicava uma ordem *universal* – a *produção* da ordem numa escala universal, verdadeiramente global. Como os outros conceitos, a ideia de universalização foi cunhada com a maré montante de recursos das potências modernas e das ambições intelectuais modernas. Toda a família de conceitos anunciava em uníssono a vontade de tornar o mundo diferente e melhor do que fora e de expandir a mudança e a melhoria em escala global, à dimensão da espécie. Além disso, declarava a intenção de tornar semelhantes as condições de vida de todos, em toda parte, e, portanto, as oportunidades de vida para todo mundo; talvez mesmo torná-los iguais. Nada disso restou no significado de globalização, tal como formulado no discurso atual. (BAUMAN, 1999, p. 67).

Para Bauman (1999, p. 68) a globalização “diz respeito ao que está acontecendo a todos nós.

Para MCGREW (2006 apud Hall 1992) a globalização é pensada da seguinte maneira:

A “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidade e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço”. (HALL 2006, p. 67).

Com a globalização a sociedade passa a sofrer mudanças no que diz respeito a identidade. Para Hall (2011, p. 69), existem consequências dos aspectos de globalização:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado, pode-se observar a cultura a partir de variadas concepções, ou seja, como algo que apenas os considerados cultos possuem, no sentido do conhecimento; como algo que apenas os povos de outras regiões possuem, valorizando outras maneiras de viver, outros costumes; ou até mesmo, como mencionado no final deste texto a perspectiva do índio com relação ao colonialista, de modo a idolatrar a cultura européia, bem

como o preconceito do europeu por acreditar que o índio não possuía cultura; porém seria interessante se pensar que é preciso respeitar o modo do outro de ser, o modo de ser de outra nação, compreendendo que todos possuem suas culturas constituídas a partir do seu povo.

Dentro da perspectiva da cultura, é possível observar no decorrer do texto que com as mudanças ocorridas no mundo a sociedade vai se desenvolvendo, e dentro deste processo de desenvolvimento novos estilos de vida surgem. A modernidade faz parte deste processo, sendo possível perceber que as pessoas possuem diferentes estilos de vida. A globalização tem relação com as mudanças de estilos de vida, sendo possível notar que apesar das distâncias territoriais de um país ao outro há muitos costumes em comum na sociedade de modo geral, tratando-se do crescimento da homogeneização cultural.

REFERÊNCIAS

_____. “Literatura e Subdesenvolvimento”. A Educação Pela Noite. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006c.

ALMEIDA, Carlos Eduardo. **Entre o próprio e o alheio: a construção literária da nação brasileira**. – São Paulo: Ômega Editora, 2007. p. 16-32.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Ensaio sobre o conceito de cultura** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 83-154.

DOMINGUES, J. M. **Desenvolvimento, modernidade e subjetividade**. RBCS nº 40, jun 1999.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura** / Terry Eagleton; tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 09-51.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade** / Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 70-103.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2011, p. 67-72).

MONTIEL, Edgar. **A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização**. IN: SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e Multiculturalismo**. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2003. p. 15-50.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura; uso da cultura na era global / George Yúdice, tradução de Marie-Anne Kremer. – Belo Horizonte: Editora UFMG: 2004. p. 25-64.

SANTIAGO, Saviani. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000. p. 09-27.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA

Thaís Regina Miranda Martins
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
79500-000, Paranaíba-MS, Brasil
thaisdrac@yahoo.com.br

Submetido em 20/06/2015
Aceito em 30/06/2015